

Modesto epitáfio da época portugallense

Na tarefa de enceleirar materiaes joeirados de differentes periodos da Archeologia Nacional, cabe agora a vez a um modesto epitáfio que existiu em uma parochia rural do concelho de Ponte de Lima e hoje pertence á vasta collecção lapidar do Museu Ethnologico Português, graças a um acaso e a uma dedicação. O acaso foi a noticia que acêrca da existencia da pedra recebi de uns desconhecidos com quem, por uma d'essas longas tardes de verão, entabolei conversa numa estrada do Minho. A dedicação que me grangeou o monumento, foi a do illustre professor do lyceu de Ponte de Lima, P.^o Cunha Brito. Comigo foi elle solicitá-la ao velho abbade da Gemieira, que por um acertado presentimento a conservava zelosamente na sacristia da sua igreja, desde o dia do casual achado da lápide. Resolução tão meritoria de que desventuradamente o bondoso abbade, hoje defunto, não recebe os emboras!

Aqui fica porém o meu sincero applauso, bafejando a memoria do esclarecido padre.

*

A pedra com o epitáfio tinha sido levantada ha alguns annos das substrucções do altar-mór da igreja parochial.

Assentava horizontalmente num leito de alvenaria e por sua vez supportava o altar moderno de madeira. É um avantajado parallelepípedo de granito, que mede de comprimento 1^m,40 e nos lados menores 0^m,47 e 0^m,36.

Destinado, segundo penso, a figurar no paramento de qualquer edificio religioso como silhar, da mesma fórma que a inscripção coeva da igreja romanica de Bravães, deve ter sido ulteriormente utilizado para outro fim. Uma cavidade existente num dos lados menores do monolitho é o vestigio do aproveitamento em serviço estranho ao seu primitivo character funereo. Essa cavidade é talhada em esquadria e mede de lado 0^m,14 \times 0^m,07 e de profundidade 0^m,07.

A inscripção está longitudinalmente gravada em uma das faces sobre uma especie de taboleta em relevo, terminada á direita por uma cruz espalmada. Essa faixa ou taboleta tem particular destaque no lavor da pedra, porque de um e outro lado a acompanham em fila umas arcaturas ornamentaes, rudemente trabalhadas, com a base na faixa do epitáfio. Esses arcos, ou melhor, esses grosseiros *óvulos*, porque não se reduzem a outra cousa, são contiguos, bastante designaes, e sem correspondencia sequer de um para outro lado da faixa.

Nas outras faces, nada ha, a não ser degradações da antiguidade.

No topo fronteiro, ao da cavidade a pedra foi desbastada á toa, quando do seu antigo remeximento.

No extremo da taboleta opposto á cruz terminal, a que já me referi, e portanto á esquerda do observador, existe inscrita num circulo rebaixado outra cruz, cujos braços de linhas radiarees direitas são fechados pelos segmentos do mesmo circulo.

Descrito o habito externo da pedra, passarei ao seu estudo.

*

A faixa que ostenta o epitafio termina á direita por uma cruz espatulada. Este emblema tem a fôrma imposta pela sua e por maior antiguidade ainda, como veremos. Equilateral, ou *immissa* segundo alguns, ou grega tem com as linhas radiarees dos braços concavas, mas os topos rectos. Se a suppusermos em posição normal, veriamos a sua base pousar na taboleta ou faixa como uma verdadeira haste portatil. Effectivamente a lembrança de uma cruz processional da epoca deveria ter influido no gravador para criar esta disposição ornamental, em que a haste teve necessidade de se alargar para dar cabimento ao epitáfio.

Num mosaico de Ravena, por exemplo, uma cruz semelhante, munida de haste, é sustentada pela mão do Salvador, e é sabido o character bizantino das obras de arte d'esta procedencia¹. Num capitel de S. Vital (sec. VI) sobresaie uma cruz de identicas linhas; num sarcophago da mesma procedencia tambem se vê gravada². Estas cruces podiam ter os topos dos ramos concavos que não rectos, como na chamada cruz de Justino II (sec. VI).

Mas nas epigraphes tumulares da alta idade media, cruces analogas na fôrma a esta eram vulgares. Veja-se, por exemplo, E. Hübner, *Inscr. Hisp. Christ.*, pp. 5 e 50, n.^{os} 11 e 117; aquella desenha-se numa estela visigotica de Evora (sec. VI); esta numa placa marmorea do sec. VII, procedente da Betica.

E quando não era a cruz, era o chrisma³. Esta fôrma é pois de grande antiguidade.

¹ *L'art bysantin*, por Ch. Bayet, fig. 7.

² *Id.*, figs. 15, 29, etc.

³ Em Lopez Ferreiro (*Lecc. de arqueologia sagrada*, p. 410) vê-se uma lapide (fig. 330) de Orense, na qual uma cruz grega e espalmada parece occupar a extremidade de um cordão ou passador; a gravura deturpou a fôrma d'este emblema; uma photographia que possuo, mercê da bondade do Rev.^{do} P.^e Fidel-Fita, vê-se uma cruz muito outra e identica inteiramente á nossa.

No lado opposto existe outro emblema cruciforme, inscrito num circulo que tem de diametro 0^m,28. É uma cruz trinã, mas tem maiores dimensões que a outra. Igualmente equilatera, o espatulado dos ramos é muito mais accentuado e as linhas radiars são aqui sensivelmente rectas, emquanto os topos dos braços são convexos e confundem-se com os arcos de circulo que a circunscribe. Não só a mera reprodução graphica do monumento, mas o seu attento exame directo logo mostram que esta cruz foi gravada sobre o epitáfio, isto é, na occasião em que a pedra foi distrahida para fim diverso do sepulcral. É assim posterior, muito ou pouco.

Que analogias se encontram para a fôrma especial d'este emblema, ali estampado como um carimbo? Em primeiro logar estas cruces inscritas suggerem logo a lembrança do nimbo crucifero, que emmoldura a cabeça de Jesus nos mosaicos bisantinos, nas pinturas muraes mais antigas. Da obra citada de Bayet podem notar-se as figs. 72 e 97.

No *Dictionnaire des antiquités chrétiennes*, de P. Martigny (1865), p. 436, reproduz-se o Salvador tal como está num mosaico, do sec. v, ornado com o nimbo crucifero, do mesmo desenho que a cruz de que me estou occupando.

Alem d'isto, porém, a sua situação no silhar de granito e a sua fôrma permitem classificá-la como verdadeira «cruz de consagração», analoga ás que ora se pintavam, ora se cinzelavam nas paredes das igrejas medievas, nos altares, ao centro ou nos cantos, já desde o sec. VIII (*Manuel de l'archéologie française*, por Cam. Enlart, vol. I, p. 723).

Por mim, tenho-as visto, sem raridade, pois que o facto era geral nos nossos templos romanicos.

Cruzes, a que se chamou de consagração, tambem se recolheram na Gallia visigoda, feitas de madeira, em sepulturas barbaras; em Portugal não me constam achados d'esta especie.

No que vejo intencional significação é precisamente na existencia d'esta cruz, gravada no monolitho, depois que elle servira de epitáfio.

Com esta particularidade deve combinar-se outra que a pedra revela: — a cavidade quadrada do mesmo topo em que se ostenta a cruz a que me estou referindo.

Evidentemente este emblema não pertence á epigraphie funeraria; esta lá tinha o seu proprio no outro extremo da pedra. Devendo, pois, considerar-se estranho e posterior ao monumento funebre de Onoricus, resta averiguar a que fim este se apropriou, fim tal que reclamava o sello de uma cruz de consagração. E, sabendo-se pela archeologia com-

parada, como vimos, que estes sinaes se abriam nas paredes e columnas dos templos e nas pedras dos altares, bastará attentar em que a primeira hypothese é pouco admissivel em presença da antiga significação da pedra e da existencia da inscrição; entre muitos silhares que formassem o paramento de uma construcção, não se iria escolher um cuja natureza não se podia olvidar para servir de documento de um facto novo qual seria o da consagração de um templo; a segunda hypothese é porém muito provavel e verosimil, como passo a demonstrar.

A liturgia (catholica) prescreve formalmente que a missa se celebre num altar de pedra ou sobre o tumulo de um Santo, mas a interpretação d'estas prescrições apresenta uma latitude bastante grande; o altar pode ser de madeira ou de qualquer outra materia, com a condição de que uma pedra plana ocupe o centro; é sobre esta *pedra de ara* que o sacerdote faz a consagração... Quanto ao tumulo, pode elle reduzir-se symbolicamente a uma reliquia ou fragmento osseo de pequeno volume que o bispo encerra pela parte inferior da pedra dos altares... Estes usos foram consagrados por um decreto do papa Felix I, martyrizado em 274. (*Manuel de l'archéologie française*, cit., vol. I, p. 725 sgs).

Quando o bispo consagra um altar, colloca as reliquias debaixo da tábua do altar ou de uma pequena lagea incrustada numa *cavidade* que ocupe o centro d'aquella.

Deve notar-se que as fórmulas dos altares mais antigas se perpetuaram através dos seculos, porque sobre a fantasia dos constructores pairava sempre dominadora a força do symbolismo, á qual não era licito furtar-se ninguém, sob pena de adulterar e profanar o logar primacial do templo, o ponto de convergencia de toda a construcção e da attenção dos fieis! Não nos devemos, pois, admirar de descobrir, em epochas mais modernas, altares de aspecto archaico.

É assim, penso eu, que o citado autor diz, a p. 738, que muitos altares de todas as epochas são formados por um simples massiço cubico sem ornamentação alguma.

A p. 736 escreve tambem que muitos altares românicos não passam de um cubo de pedra bastante pequeno, guarnecidos algumas vezes de columnelos aos cantos e, menos frequentemente, de outros ornatos e ao centro com uma cavidade fechada pela tábua que serve de tampa a este pequeno cofre; este por sua vez pode ser de alvenaria ou monolithico, segundo alguns exemplos. As *Constituições sinodales do arcebispado de Braga* (1639) ordenavam que os altares fossem de pedra ou de alvenaria (tit. xxv, const. II, p. 321).

Creio ter preparado o espirito do leitor para crer que este pesado silhar foi summariamente aproveitado, passadas decerto algumas dezes-

nas de annos sobre a defunção de Onoricus, para altar, sendo fixado verticalmente no chão para esse fim.

Num topo abriu-se-lhe um pequeno sepulcro liturgico, no alto de uma face lateral foi por assim dizer sellado com a cruz de consagração, e sobre este pilar assim constituido collocou-se decerto o que os annos já consumiram—a tábua ou mesa horizontal, onde o ministro do sacrificio dispunha todos os accessorios da cerimonia. As dimensões reduzidissimas da cavidade, a sua fórma particular que denuncia a adjunção de uma pequena tampa que ajustasse no rebaixo que a gravura mostra, a presença e contiguidade da cruz grega são elementos tão conjugados que não podem facilmente enjeitar-se, nem deixarem de concorrer para a attribuição da cavidade a um *sepulcro* de altar. Pequena era a superficie apresentada d'esta maneira, pelo lado menor do grande parallelepipedo de pedra, que temos de suppor verticalmente collocada, mas muito varias eram tambem as disposições dos altares christãos, podendo neste caso presumir-se que sobre o topo do silhar pousava a tábua do altar, acaso sustentada ainda por mais dois ou quatro columnelos, como no altar de Santa Marta de Tarascon¹ que se attribue ao sec. VII.

Depois dos symbolos cruciferos, o ornamento que mais se destaca são aquellas duas series de arcos juxtapostos que emmolduram a zona da epigraphe, e como que a fazem sobresair da superficie da pedra.

Estes arcos são constituidos por cordões lisos ou toros, nem sempre correctos de fórma. Mas o que elles representam é um arremedo ingenuo dos classicos óvulos, que mais ou menos abastardados tem sido um recurso facil para ornamentistas de muitas epochas, desde a sua fórma primacial até ás barbarizações da meia idade, quer no oriente, quer no occidente.

A factura dos óvulos do nosso monumento é descuidada e irregular. Não deixa por isso de ter mais exemplos na decoração romanica da epocha, a que aliás tambem pertence o epitáfio da Gemieira. Figura Cam. Enlart, p. 348, fig. 147-C, os óvulos de um edificio em Bertancourt (Somme) que se diriam cinzelados da mesma mão².

¹ O A., que já tenho avocado nesta exposição, diz em nota a p. 732 que este typo de altar com cinco supportes, sendo o central mais cheio que os outros, é muito frequente, e d'elle traz referencias não só em França, mas na Hespanha e não só do sec. VII mas ainda dos secs. XII e XIII.

² Foi nesta região que se formou a escola romanica de Borgonha, região da França com quem mantinhamos relações na 1.^a dynastia.

Não me deterei mais neste exame dos symbolos e ornatos da pedra. Vamos á confidencia da antiguidade; diz-nos esta, nas duas curtas linhas do epitafio, que

obi(i)t F(rater) ONORICU^s
 PETRIC(i)E(r)A M2LXXXVI

A disposição final da segunda linha é perfeitamente característica da decadencia epigraphica dos tempos. As derradeiras siglas tiveram que accommodar-se fóra do logar que lhes era destinado, invadindo os ramos da cruz coeva da inscrição.

Traduzido este medievico latim, diz isto:

*morreu frei Onorigo
 Pirez ou Perez na era de 1186.*

O emprego da 1.^a palavra responde a bem antigo formulario christão; comtudo, como inicio de epitafio, é de uso mais recente, não indo alem do sec. x; para designar a defunção é que já se encontra em epigraphes dos secs. vi e vii; estou-me referindo apenas á Espanha christã¹.

O autor da inscrição fez sincope de um *i* de *obiit*; identica supressão se encontra no repositorio de E. Hübner; vejã-se os titulos n.^{os} 91 (sec. vi), 150 (?) e 224 (sec. x). Devia ser essa a pronuncia vulgar.

Do mesmo sec. xii, se bem do ultimo quartel, existe no Museu Archeologico do Carmo um epitafio em que o formulario pôde dizer-se igual ao da pedra da Gemieira; antes de *obiit* apenas se encontra a menção do dia e mês do fallecimento e quem sabe se assim foi tambem a presente inscrição. Em verdade, nesta nossa ha apenas a indicação final da *era* como na do Museu do Carmo, mas falta a menção do mês e dia. Se não houvesse para esta omissão exemplos, ver-me-hia eu obrigado a crer que, ao gravarem na pedra a cruz da consagração, tinham destruido o inicio do epitafio; assim embora não exclua a hypothese, não a posso perfilhar abertamente².

¹ Colhem-se estas conclusões das *Inscr. Hispaniae Christianae*, de E. Hübner. As epigraphes n.^{os} 224, 225, 226, 248 e 279 dos secs. ix e x começam por *OBII*. Varias outras se servem da mesma expressão no meio da formula empregada, e essas são dos n.^{os} 91, 65, 142 e 150 dos secs. vi e vii, e 257, 277 e 279 dos secs. ix e x.

² Um exemplo nacional d'esta omissão é a epigrafe da porta lateral da igreja romanica de Bravães (Ponte da Barca); insculpiu-se a era sem se mencionar o dia e mês da morte do prior d'aquelle antigo mosteiro—Rudericus Petri.



9. *Sanctus*

A *obi(i)t* segue-se F ONORICVS. Interpreto o F por abreviatura de *frater*.

Onoricus é nome medieval e um dos que nos documentos dos secs. X a XIII revestem mais variadas fôrmas. Podem ver-se no valiosissimo *Onomastico medieval português*, do Sr. A. A. Cortesão (*O Arch. Port.*, XIII, 168). Na linguagem vulgar do tempo devia corresponder a Onorigo.

Na 2.^a linha creio ter decifrado os caracteres corroidos do inicio. O formulario pediria que alli estivesse a data á romana do *dia e mês* da morte de Onoricus, ou, posta a data no principio da legenda, um patronimico immediato ao nome do titular da epigraphe. Creio bem que o que aqui se deve procurar é o patronimico de Onoricus. São 8 caracteres mais ou menos alterados, dos quaes

os ultimos dois, me parece significarem ERA. D'aquelle E ha innumeros exemplos na meia idade; é uma letra uncial, no nosso epitáfio tem apices, e o traço horizontal excessivamente prolongado, o que lhe acrescenta um ar de rudeza.

O caracter immediato parece ser um A, igualmente de typo uncial e não capital; poderia com menos probabilidade tomar-se por um R, porque em rigor tem a haste curva do lado direito, devendo tê-la do esquerdo.

Escusado é insistir no genero paleographico a que pertence este epitáfio; perfeitamente datado, não é discutivel o seculo a que pertence; de que elle nos deve servir é de estalão chronologico para outras inscrições. E é um dos merecimentos d'estas singelas lapides, attenta a sua relativa escassez e a necessidade de methodizar a epigrafia das epochas visigotica, neogoda e portugalense nas regiões do actual Portugal.

A data está expressa por estas siglas:

M C 2 X X X V I

Ha a notar-se o L com o aspecto do algarismo 2, caso sem raridade, consignado por João Pedro Ribeiro; os três xxx conjuntos ou ligados, dando aqui a fórma estranha de um caduceu; o v significado por um ~ abatido, o que Muñoz y Rivera assinala no seu *Manual de paleografia diplomatica española* (Madrid 1889), p. 65.

A era de 1186 equivale ao anno de 1148; toda a difficuldade se concentra pois na leitura dos seis caracteres restantes. O picão anonymo corroeu as duas primeiras letras quasi por completo. O final d'essa problematica palavra parece ser constituido por estas quatro siglas TRIC, e consequentemente as duas primeiras deverão ser PE, sendo estas unciaes. Assim teriamos o patronimico PETRIC(i) com um aspecto perfeitamente normal, relativamente á epoca.

Soccorrendo-nos ainda do citado *Onomastico* lá encontramos *Petrici* (*O Arch. Port.*, XIII, 370), bem como as parallelas *Petriz* e *Petrizi*, genetivos medievidicos¹.

Sumulando a paleographia d'este antigo monumento, conclue-se que elle está gravado em caracteres, ora proprios de codices, ora de monumentos; circumstancia que bem reflecte o desasossego do seculo, improprio para a cultura pacifica das letras.

F. ALVES PEREIRA.

¹ O Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, nos seus *Estudos de Philologia Mirandesa*, I, 58, distingue duas maneiras de indicar a filiação nos diplomas medievidicos: quer por um genetivo de nome paterno (no nosso caso *Petri*), quer pelo de um derivado: *-ici* ou *-iz* (no nosso caso *Petrici*).